



Cosmovisões e agroecologia: sentir, existir e construir.

TAVARES DE LIMA, Jorge Roberto¹; NUNES DA SILVA, José²

UFRPE.jtavares@ded.ufrpe.br; UFRPE.zenunes13@yahoo.com.br

Temática:

Resumo

Ao reconhecer a agroecologia como um campo em construção se reconhece a necessidade de fundamentar o conhecimento agroecológico em outras bases conceituais. Para isso é importante identificar diferentes cosmovisões que explicam o mundo. Este artigo busca mergulhar neste mundo e a partir do apontamento de mitos da sociedade com a cosmovisão judaico-cristã e capitalista busca identificar outras racionalidades que expliquem e fundamentem a agroecologia. Desta forma, o conhecimento agroecológico implica em uma epistemologia em outras bases.

Palavras-chave: Agroecologia; cosmovisão; epistemologia.

Abstract:

Recognizing agroecology as a field under construction recognized the need to support agroecological knowledge in other conceptual bases. For this it is important to identify different worldviews that explain the world. This article attempts to dive into this world and from the appointment of the company's myths with the Judeo-Christian worldview and capitalist seeks to identify other rationales that explain and justify the agroecology. The knowledge agroecologic implies a epistemology other bases.

Keywords:

Agroecology, Cosmovation, Epistemology.

Introdução

Neste artigo buscaremos uma reflexão sobre as cosmovisões afro para entender o papel da agroecologia como um campo de conhecimento que nega muitos das verdades atuais e buscam construir outras explicações para o mundo. Buscam construir outra cosmovisão calcada em uma resignificação do ser humano com a natureza na promoção radical de vidas. Estas cosmovisões necessariamente nos remete a formas de produção alternativas, uma vez que estas são resultantes de culturas e de ideias diferentes. Estas ideias geram conceitos que explicitam uma cosmovisão onde a natureza é parte de nossas vidas e nós, humanos, também somos natureza. Este é um caminho percorrido ou que deveria ser percorrido pela agroecologia.



A partir do momento em que a economia assume uma dimensão crematística (Martinez Alier, 1999) esta perde sua relação com a dimensão social e política passando a vigorar a própria reprodução do capital como elemento central do processo (Wallerstein, 1985). Em realidade se faz a desumanização das relações em nome da reprodução do capital. E nome de um desenvolvimento se criam, socialmente, distintas estratégias de crescimento que beneficiam sempre os mesmos. Diferente eco-nomia, que é prover a casa. Evidentemente nesta perspectiva há uma racionalidade econômica que está voltada para a reprodução social da família, como se caracteriza o campesinato. Alguns mitos são indicados a seguir na cosmovisão onde o capital financeiro é o centro de referência.

Desconstruindo mitos, recriando histórias.

O primeiro deles é o mito da superioridade dos seres humanos sobre os outros animais. Esse mito permitiu-nos um distanciamento das lógicas de preservação-conservação e resiliência dos diferentes ecossistemas terrestres, fazendo com que enveredássemos por uma compreensão de que não fazemos parte da natureza e, por isso, temos o direito de subjugar os demais animais, sobretudo mamíferos.

O segundo mito da sociedade capitalista em crise é o mito de que os bens naturais são inesgotáveis. Este mito torna matas, florestas, águas, a terra e o próprio ar, em fontes inesgotáveis de exploração em busca de lucros. Como parte deste processo, as sociedades capitalistas ditas modernas baseiam seu modelo energético em recursos não renováveis como o petróleo, o carvão e a energia hidrelétrica. A construção da Barragem de Itaparica nos sertões do estado de Pernambuco e Bahia demonstra o preço pago pelos diferentes povos indígenas, quando a mudança do curso do rio e seu barramento inundam lugares e espécies vegetais sagradas, esfacela famílias, destrói modos de vida.

O terceiro mito aponta um único papel para o trabalho: o trabalho como gerador de riquezas. Nesta lógica para enriquecer mais e mais rápido, os indivíduos se afastam da vivência de uma espiritualidade e rendem graça ao “Deus” dinheiro. Max Weber em seu clássico “A ética protestante e o espírito do capitalismo” aponta que o ascetismo do protestantismo, fundou o avanço do modelo de produção, nas



sociedades modernas. Além disso, perdemos, gradativamente, o prazer pelo ócio e tempo livre, fundamentais ao bem viver e indispensável a vivência de uma espiritualidade plena, no sentido de uma conexão em sintonia entre corpo e mente.

O quinto mito o de um Deus único, vigilante e punitivo. Como trata o epigrafe de Eduardo Galeano apresentado na abertura deste texto, este Deus cristã é apresentado aos povos originários da América Latina e, posteriormente, imposto aos africanos que aqui chegaram, desconstruindo ritos, práticas e tradições espirituais e religiosas. Até os tempos presentes afrodescendentes tentam resignificar estas práticas, historicamente, obrigadas a se abrigar, sobre o manto do sincretismo católico.

“OMI KOSI, ÉWÈ KOSI, ÒRÌSÀ KOSI” (“Sem água, sem folha, sem orixá.”):

Natureza e rituais afro-brasileiros

Segundo a Yalorixá, Olga do Alaketu (Ashogun, S/D), Orixá é natureza e explica:

“Meu filho, orixá é tudo isso que está aí... É o princípio da vida, está em todas as coisas. Por isso, tome muito cuidado, pois quando você mexe em uma coisa, desequilibra outra”.

Sendo os orixás pura energia que circula na natureza, ervas, folhas, planta e água, são elementos fundantes destas religiões. Somente no tocante as águas Aderbal Ashogun (s/d) afirma que podemos compreendê-las, ao menos, com cinco significações: 1) ABO: água que cura; 2) OMI ERO - água que acalma; 3) OMI TUTU - água fresca, que abre os caminhos; 4) OMI OLISSA - águas de Oxalá (ritual dedicado a Oxalá, que inicia ou finaliza o calendário religioso) e; 5) OMI IBONA - água quente que relaxa.

Para Santos e Gonçalves (2011) a associação das religiões afro-brasileiras à natureza se explica por distintas acepções: “Uma primeira acepção, que possui também um caráter mais generalizante é aquela que associa a natureza (e os orixás) aos quatro elementos (água, terra, fogo e ar). De acordo com este pensamento, os quatro elementos estão presentes em tudo, incluindo o ser humano que compartilha com os orixás e com a natureza uma essência em comum(...) Nesta perspectiva, a conexão adepto-natureza-orixá passa pelo pertencimento em comum



a um dos quatro elementos. Embora esta divisão traga consigo alguns ecos das chamadas ciências herméticas (tais como a astrologia e a alquimia), ou das suas versões modernas difundidas pela Nova Era, essa associação é apresentada como parte do conhecimento “tradicional”, atualmente em processo de resgate”.

Pertencendo aos quatro elementos, os lugares sagrados e reverenciados passam a ser domínio de cada um dos orixás, neste sentido Èsù (Exú) assume o domínio dos Caminhos, trilhas e encruzilhadas; Ògún (Ogum) o domínio do minério Ferro e sua forja, que orienta a fabricação de ferramentas para artes e ofícios e mais diversas tecnologias; Ò s ó ò s ì (Oxossi) assume o domínio das florestas e Òsanyìn (Ossain) o Segredo das folhas. O orixá Obalúayé (Obaluaiê / Omolu) simboliza tudo que está relacionada a Terra; Òsùmàrè (Oxumarê) rege a formação e cores do Arco-íris; Sàngó (Xangô) senhor dos raios, trovões e pedras; Oya (Oiá/ lansã) domina sobre as Chuva, tempestades e ventos; Ò s u n (Oxum) é a senhora dos Rios, cachoeiras; Yemonja (Iemanjá) - Mares e rios; Obà (Obá) - Grutas, cavernas e encontro das águas; Yewa (Euá) - Cosmos, mata virgem; Nàná (Naná) - Pântanos e mangues e Òòsàálà (Oxalá) - Harmonia da natureza, como deus maior. Como tudo é pensado como complemento e equilíbrio Irókò (Irôco), embora pouco cultuados no Brasil, representa a força física do povo de santo.

Diante destes domínios, nos cultos brasileiros, estes são lugares que devem ser preservados, cuidados, como a casa/morada de cada uma destas divindades. Em suas oferendas preparados e extratos de uma diversidade ervas, frutas, comidas e animais, que entram como axé e oferenda, não meramente como sacrifício.

Manter esta tradição faz dos terreiros para o culto destas religiões verdadeiros celeiros guardiões da biodiversidade vegetal, bem como, de conhecimentos tradicionais, acumulados, principalmente, pelos anciãos, que ocupam lugar de respeito e destaque nestes cultos.

Santos e Goncalves (2011) afirmam que a: “Relação entre as religiões afro-brasileiras e a natureza, meridianamente não deixa dúvidas de que é muito importante e forte, pois está marcada pela necessidade que os terreiros têm da natureza como parte integrante de seu universo, dos rituais e da própria identidade



dos seus deuses, o que gera um sentimento de respeito, dependência, integração, e ao mesmo tempo, de submissão para com ela”.

Pensando um esquema representativo desta relação com a natureza os mesmos autores supracitados concluem que o núcleo duro da representação de natureza, tem seu centro no uso de diferentes “folhas”, ladeadas pelo “axé” (energias) e pelos “orixás” (elemento da natureza), compondo um bloco coeso; em um segundo plano aparecem os elementos e significados fortes relacionados à religião (é a esfera das religiões afro-brasileiras: ancestralidade, sacrifício, awo, quatro elementos, odus, Ofó, Remédios/curas) e na esfera exterior, temos os elementos que apesar de fazerem parte da natureza, estão mais distante, é a esfera da animalidade, sendo a humanidade sua manifestação mais complexa. Todos os elementos estão relacionados entre si, e é a „folha“ o principal elemento mediador.

Que indicadores para uma produção de conhecimento agroecológico podem oferecer os estudiosos das comovisões oriundas da África? Como a "folha" nos oferece pistas para a epistemologia agroecológica?

Referências bibliográficas:

- 1.ASHOGUN, Aderbal. **Oku Abo Espaço Sagrado**. Fundação Palmares, S/D.
- 2.SANTOS, R. O. GONÇALVES, A. G. B. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. A natureza e seus significados entre os adeptos das religiões afro-brasileiras. IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>, consultado em 10 de março de 2015.
- 3.Martinez Alier, Joan. *Introducción a La economía ecológica*. Cuadernos de Medio Ambiente. Rubens. Barcelona. España. 1999.
- 4.Wallerstein, Immanuel. *Capitalismo histórico. Sistemas econômicos mundiais*. Editora Brasilienses. Coleção Novos tempos. São Paulo. 1985.